

# Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política<sup>1</sup>

Luiz Paulo da Moita Lopes

Recebido 10, agos. 2009 / Aprovado 25, set. 2009

## Resumo

*Ao entender que as chamadas verdades epistemológicas são contingentes, este artigo argumenta em favor da necessidade inescapável de fazer pesquisa e fazer política, conjuntamente, em pesquisa aplicada no campo da linguagem, para dar conta das mudanças que enfrentamos na vida social contemporânea, que se torna cada vez mais igualmente contingente. Esta argumentação é ilustrada com meu percurso investigativo sobre questões referentes à construção discursiva das sexualidades em contextos de letramentos escolares. São ressaltados os ganhos éticos, epistêmicos e políticos dessa posição.*

**Palavras-chave:** *Contingência. Epistemologia. Política. Sexualidades. Ética. Letramentos escolares.*

---

<sup>1</sup> Sou grato ao CNPq (306756/2006-4) e à FAPERJ (Programa Cientistas do Nosso Estado – E-26/100.575/2007) pelas bolsas e auxílios à pesquisa que possibilitaram a investigação aqui relatada.

“a modernidade lutou contra o verdadeiro inimigo: a área cinzenta da ambivalência, indeterminação e indecisão” (BAUMAN, 1992, p. 26)... [agora, porém,] “estamos fadados a viver *com* a contingência (conscientes da contingência, face a face com a contingência) em direção ao futuro que se pode vislumbrar” (BAUMAN, 1992, p. 21).

### Em perspectiva

A reflexão relatada neste artigo vem se somar ao empreendimento ao qual venho me dedicando, nos últimos anos, junto com outros colegas, com o objetivo de colaborar na construção de uma epistemologia para o campo da Linguística Aplicada (LA) – por mim denominada de LA Indisciplinar (MOITA LOPES, 2008; 2009a). Tenho defendido uma visão de LA que é indisciplinar tanto no sentido mais óbvio de que é antidisciplinar quanto no sentido mais complexo de almejar atravessar /violar fronteiras ou de tentar “pensar nos limites” ou “para além dos limites” que se apresentam nas tradições epistemológicas desta área, como Hall (1996) observa em relação ao campo de estudos culturais. Tal LA está especialmente interessada na produção de “uma narrativa que mude o presente”, como diz Venn, (2000, p. 2), ou na construção de alternativas para o presente, baseando-se na constatação de que muitas das narrativas que nos contaram sobre quem somos ou sobre como as coisas do mundo são estão em crise ou estão sendo seriamente questionadas.

Em outras palavras, minha preocupação está voltada para a questão referente a como avançar na produção de conhecimento ao mesmo tempo em que também politizam-se as práticas sociais ou para a premência de fazer pesquisa e fazer política conjuntamente. São algumas ideias relativas a tal posicionamento que este artigo enfoca. Na primeira parte, discuto uma visão de LA que, se apoiando na crítica que se faz hoje à modernidade, vem problematizar a natureza contingente da construção do conhecimento no mundo contemporâneo como forma de responder às mudanças sociais com as quais as pessoas se deparam nos contextos aplicados em que empreendemos nossas investigações. Dessa perspectiva, discuto a necessidade imperiosa de fazer pesquisa e política ao mesmo tempo de modo a lidar diretamente no planejamento da pesquisa com a possibilidade de reinvenção social ou de anunciar futuros alternativos para as nossas vidas. Na segunda parte, ilustro tanto a natureza contingente da construção do conhecimento como a sua politização, com base na minha pesquisa sobre a construção discursiva das sexualidades em contextos de letramentos escolares.

### Construção do conhecimento: contingência e política

A primeira questão que precisa ser levantada diz respeito à necessidade de problematizar a equação tradicional entre

construção de conhecimento e produção de verdade quando se considera o ato de fazer pesquisa em conjunção com a ação política. É um truísmo em epistemologias contemporâneas a visão de que vemos nos dados de nossa pesquisa o que as teorias que abraçamos nos permitem ver. Isso indica que há circularidade entre teorias e dados. Examinando uma série de dados de uma perspectiva teórica diferente, é possível construir interpretações diferentes e, mais importante ainda, compreender que os dados não são mais os mesmos. O próprio processo de revisitação de dados previamente analisados ou o ato de desafiar conhecimentos produzidos anteriormente, como vou relatar abaixo, já implicam que é possível questionar o que é verdade na produção de conhecimento.

Como Thomas Kuhn, no livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, indicou, ao se referir às ciências físicas, há 39 anos:

o cientista que abarca um novo paradigma é como um homem [eu diria: ou uma mulher] que está usando lentes invertidas. Confrontado com a mesma constelação de objetos como antes [eu diria: confrontado com uma constelação de objetos que já não é mais a mesma] e sabendo que está fazendo tal coisa, ele contudo as encontra totalmente transformadas em muitos de seus detalhes” (KUHN, 1970, p. 122).

Mas esse ponto, que é um truísmo, como já disse, se torna ainda mais complexo se, seguindo Foucault, compreendermos que o conhecimento teórico é deste mundo, que valores, ideologias, desejos, ações políticas e ética são partes constitutivas da construção de verdade em pesquisa. O que Foucault fez foi colocar um fim à compreensão de que é possível separar as condições que nos constroem como seres humanos do conhecimento que produzimos, com a finalidade de alcançar neutralidade e objetividade (MACHADO, 1979, p. 21). Foucault lançou um questionamento severo na direção do tão almejado ideal positivista e seu desejo de padronizar e controlar as práticas sociais de modo que se varresse para debaixo do tapete, por assim dizer, aquilo que trouxesse ambiguidade, ambivalência e indeterminação.

Outro ponto que me parece crucial no pensamento de Foucault é a necessidade de historicizar os discursos<sup>2</sup> para compreender como os efeitos de verdade são produzidos (FOUCAULT, 1979, p. 7). Ou, como ele próprio aponta: “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele devido a coerções múltiplas e nele a verdade produz efeitos dirigidos pelo poder” (FOUCAULT, 1979, p. 12). É deste modo que ele se refere “à economia política da verdade”, que a produz e a faz circular sob o controle de instituições econômicas e políticas particulares tais como a universidade, a mídia, editoras, associações de pesquisadores ou agências que patrocinam certos tipos de pesquisa e desprestigiam outros por meio de guerras ideológicas, de defesas de paradigmas ou de modos específicos de produzir conhecimento.

<sup>2</sup> Uso a palavra ‘discurso(s)’ como sinônimo de significados, crenças e valores, assim como ‘discurso’ para me referir à linguagem em uso.

Os pesquisadores estão, portanto, posicionados nessas guerras de verdade/poder com suas existências particulares, visões de mundo, desejos etc. Isso também significa dizer que o conhecimento vem de algum lugar ou, como Nagel (1986, p. 8) coloca, “não há visão que não venha de algum lugar”. Nas palavras do teórico cultural Venn (2000, p. 4), “a verdade nas Ciências Sociais [e nas Humanas] poderia ser re-configurada em termos de regimes de verdade e dos instrumentos para instituir as formas particulares de sociabilidade que a teoria teoriza”. Em consonância com essa posição, seria possível já nos perguntarmos sobre os tipos de sociabilidade que o campo de estudos da linguagem e especificamente o da LA têm prestigiado e teorizado; ou, ainda, como sistematicamente o sujeito social tem sido focalizado com base no apagamento de suas marcas sócio-históricas que o fragmentam como homens, mulheres, heterossexuais, homossexuais, negros, brancos, pobres, ricos etc.. Tal visão tem sido prestigiada no interesse de falar de um sujeito em abstração, existindo em separado das práticas sociais que o constroem sócio-historicamente.

Ou ainda, se esses campos têm tratado dessas marcas identitárias, como elas têm sido compreendidas ou teorizadas? Que formas de sociabilidade essas áreas têm teorizado ao focalizarem o chamado usuário, falante, leitor, aluno, professor etc.? Fazer pesquisa no contexto aplicado, principalmente, precisa ser re-teorizado como fazer política, já que as teorias nos dão os limites do que podemos ver e constroem as verdades com as quais operamos como pesquisadores e para além do mundo da pesquisa. Contudo, há ainda outro ponto, levantado por Boaventura de Souza Santos (2001, p. 18), que precisa ser considerado: o que acontece em um mundo no qual “a realidade parece ter tomado definitivamente a dianteira da teoria?”

A contingência, a velocidade e os eventos inesperados da vida contemporânea têm mostrado que a prática é mais relevante que a teoria em nossos tempos ou que a “a teoria é a própria prática com outro nome” (p. 19). Nessas condições, passa a ser impossível reivindicar e manter uma perspectiva de análise ou uma perspectiva teórica. Essa posição questiona a distinção entre teoria e prática: uma dicotomia muito privilegiada no campo da LA, que constituiu um dos seus pilares principais por muito tempo, particularmente, por causa de sua relação com a necessidade positivista de “distância crítica” do objeto de investigação. Dessa forma, se a distinção entre teoria e prática não faz mais sentido, o que é necessário é dizer não para o ideal de “distância crítica” e reconhecer a necessidade de procurar continuamente por “proximidade crítica” (SANTOS, 2001, p. 19): uma obrigação imprescindível no campo de estudos aplicados. Tal proximidade deve ir ao encontro dos interesses daqueles que estão situados nas práticas sociais nas quais fazemos nossas pesquisas: uma

preocupação ética fundamental. Esse é um ponto que está relacionado à questão já levantada de que o pesquisador está intrinsecamente envolvido no conhecimento que produz: “conhecer, ser e desejar estão em revezamento” (VENN, 2000, p. 15) no ato de produzir conhecimento.

O fato de que a prática está à frente da teoria nos interpela sobre a adequação de nossos modos de fazer pesquisa (tanto do ponto de vista teórico como metodológico) em vista de nossas sociedades que estão experimentando mudanças rápidas e requerendo modos alternativos para responder a tais mudanças. O ponto crucial é quão relevante e pertinente são os instrumentos teóricos e metodológicos que usamos para lidar com pesquisa aplicada em tais sociedades ou em pesquisa que, de uma forma ou de outra, quer falar às práticas sociais contemporâneas, nas quais nossas vidas privadas e públicas foram alteradas (GIDDENS, 1992) como efeito da grande reflexividade sobre a vida social na qual estamos mergulhados (GIDDENS; BECK; LASH, 1997). Em sociedades nas quais o sujeito social tradicionalmente definido como homogêneo foi re-descrito em termos de sua natureza fragmentada, processual, discursiva e performativa (MOITA LOPES, 2002; 2008), não parece fazer mais sentido realizar pesquisa com base em teorias que o descorporificam e essencializam, apagando sua história, classe social, gênero, desejo, raça, etnia etc. ou mantendo-o em espaços fechados e previamente determinados.

Novas formas de pesquisa (tanto teóricas como metodológicas) são portanto necessárias. É crucial abrir a pesquisa para vozes alternativas de modo que seja possível revigorar a vida social ou construí-la por meio de outras narrativas, aquelas normalmente apagadas no decorrer da modernidade, como as dos pobres, mulheres, indígenas, negros, homossexuais etc. Essas vozes podem não somente apresentar alternativas para compreender o mundo contemporâneo, mas também podem colaborar na produção de uma agenda anti-hegemônica ou na construção de novos esquemas de politização, como diz Foucault (1979, p. 19). Ou seja, novamente volto à questão de que fazer pesquisa no nosso campo deve ser teorizado lado a lado com a ação política.

Teorizações solidificadas não fazem mais sentido se quisermos ser responsivos à vida social contemporânea, que é muito mais dinâmica, fragmentada e matizada do que no passado, envolvendo mais possibilidades de escolhas, ainda que essas não existam em separado de restrições socioeconômicas. Compartilho, assim, da visão de que a LA é um campo de investigação das Ciências Sociais (veja-se, por exemplo, Sealey; Carter, 2004 e Moita Lopes, 2008) e opero, atualmente, com a compreensão de que é uma área de pesquisa que tem como objetivo criar inteligibilidade sobre os problemas sociais nos quais a linguagem

tem um papel central (MOITA LOPES, 2008; 2009a) e que, para tal, é fundamental entender como as práticas sociais contemporâneas se organizam.

Essas questões chamam atenção para a necessidade de submeter nossas teorias e métodos a um processo contínuo de reflexão ou a uma prática problematizadora (PENNYCOOK, 2007; 2008), a qual, em vez de colocar a área de LA em uma base muito clara na qual se possa trabalhar, considera a LA como um campo que está continuamente sendo refeito, ou seja, que está ancorado em pilares que são instáveis e móveis. É uma visão de construção de conhecimento muito mais complexa do que aquelas de natureza modernista/positivista, mas me parece mais adequada para lidar com a circularidade entre teoria e dados, com o fato de que o conhecimento/verdade é deste mundo, com a necessidade de dar conta de proximidade crítica em relação às práticas sociais que estudamos e de um mundo que está experimentando mudanças rápidas. E, acima de tudo, trata-se de uma posição que procura contemplar a necessidade de teorizar pesquisa e política em conjunto.

O que é fundamental é enquadrar nosso trabalho como a construção de verdades contingentes, cuja natureza movente e fluida não nos permite ter nenhuma base sólida, possibilitando considerar continuamente perspectivas diferentes através das disciplinas, ética e mudança na pesquisa (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2008). Obviamente, não estou advogando uma nova escola de pesquisa que patrocina uma nova verdade a ser seguida, mas formulando uma alternativa de pesquisa para nosso campo, que reflete visões particulares do mundo, ideologias e valores, os quais como tais são contingentes. Além disso, precisamos justificar, discutir e considerar tal alternativa à luz de escolhas éticas nas práticas sociais nas quais a pesquisa está situada, com o objetivo de inaugurar novas possibilidades para a vida social mesmo que elas não sejam mais do que possibilidades emergentes, que possam de alguma forma questionar práticas sociais naturalizadas e, principalmente, colaborar na construção de alternativas para o sofrimento humano.

O objetivo é forjar “futuros concretos”, ou seja, “utopias realistas, suficientemente utópicas para desafiar a realidade que existe, mas realistas para não serem descartadas facilmente” (SANTOS, 2006, p.30). Isso é o que Santos (2006, p. 30) sugere ao se referir a como uma Sociologia do Emergente deva operar ou como, em minha visão, uma LA do Emergente deva funcionar. Deve “tentar ver quais são os sinais, pistas, latências, possibilidades que existem no presente que sejam sinais do futuro, que são possibilidades emergentes e que são desacreditadas por que são embriões, por que são coisas não muito visíveis” (SANTOS, 2006, p. 30). A ideia é que “um outro mundo é possível, um mundo feito de alternativas e possibilidades” (SANTOS,

2006, p. 31), que possa re-descrever nossas vidas e assim mudar o presente. Fazer pesquisa pode ser visto, portanto, como uma maneira de re-inventar a vida social, o que inclui a re-invenção de formas de produzir conhecimento assim como de formas de vida, já que a pesquisa é um modo de construir a vida social ao passo que tenta compreendê-la (SANTOS, 2008). É também uma maneira de re-descrever o sujeito social, inscrito na produção do conhecimento, não separando teorias das práticas sociais.

Tal ponto de vista indica que a produção do conhecimento tem que ser renovada não simplesmente porque o mundo está diferente, mas porque tais mudanças no mundo requerem processos de construção de conhecimento que necessariamente implicam mudanças na vida social. Como Santos (2001, p. 9) aponta: “uma transformação profunda nos modos de conhecer deveria estar relacionada, de uma maneira ou doutra, com uma transformação igualmente profunda nos modos de organizar [ou pensar] a sociedade”. O que precisamos é imaginar o futuro e criar alternativas radicais para a vida social.

### **Refletindo sobre um percurso de pesquisa: fazer pesquisa e fazer política**

Na segunda parte deste artigo, ilustro o argumento acima ao mostrar como minha investigação sobre a construção discursiva das sexualidades em contextos de letramentos escolares se desenvolveu. Ao proceder dessa forma, almejo indicar como re-analisei meus dados de modo contínuo assim como desejo ressaltar os princípios teóricos e políticos que orientaram tais mudanças.

A primeira motivação para tal investigação era fundamentalmente política. Por meio de minha pesquisa, estava interessado em responder a questões emergentes das práticas sociais, notavelmente nos movimentos feministas e LGBTTs, que chamavam atenção para as diferenças e assimetrias de gênero e de sexualidade nas práticas sociais. Embora essas questões já tivessem sido consideradas nas Ciências Sociais, em geral, no Brasil, elas eram praticamente inexistentes na LA (e mesmo na área de estudos linguísticos em um sentido mais amplo) há 15 anos, quando comecei a focalizá-las.

Era então inusitado tomar como objeto de pesquisa o que não é considerado como tal. Em particular, em um campo que estava tradicionalmente associado a questões de ensino/aprendizagem de línguas em relação a aprendizes e professores descorporificados, com base em visões de língua como sistema positivista de produção do conhecimento, a tematização do gênero e da sexualidade era muitas vezes recebida com surpresa e estranhamento ou com um comentário que ressaltava a irrelevância de tal tópico. Aliás, mesmo as poucas incursões que fiz sobre a questão racial muitas vezes encontraram o mesmo

tipo de resposta. Esse é provavelmente o preço a ser pago por se hibridizar pesquisa e política em meio a compreensões de pesquisa focadas em objetividade e neutralidade e em um sujeito social idealizado, uma posição surpreendente para tradições de investigação de natureza aplicada.

Acredito que o estranhamento ainda era maior devido ao fato de que, no Brasil, no campo de estudos da linguagem, em geral, a única tentativa de tratar de um tópico mais próximo, o gênero, era efetivada pela sociolinguística variacionista, que tenta mostrar como a linguagem reflete o que a sociedade é, seguindo, portanto, uma visão representacionista da linguagem em uma linguística do sistema: a linguagem reflete o que somos, no caso em questão, como homens e mulheres. Portanto, uma abordagem que seguia uma visão discursiva do gênero e da sexualidade ou a perspectiva de que a linguagem constrói o gênero e a sexualidade, pautando-se por uma compreensão socioconstrucionista da linguagem, era então tratada com surpresa. Essa abordagem é particularmente relevante por se basear na visão de que a linguagem é prática social e por meu interesse em iluminar o que fazemos por meio do uso da linguagem uns com os outros. Ou seja, o que se colocava era trocar uma compreensão representacionista, objetivista e semanticista da linguagem por uma posição que privilegiasse a interação, a conversa e o discurso, como lugar de construção de quem somos, o que acarretaria a compreensão de que “a linguagem forma, edifica ou performa/encena os vínculos sociais e, neles e com eles, a identidade, a diferença e a alteridade dos interlocutores” (REGUERA, 2008, p. 18).

Minha pesquisa foi inicialmente constituída por estudos etnográficos em práticas sociais de letramentos em sala de aula, que descreviam a construção discursiva da alteridade sexual como ilegítima. Por exemplo, focalizei narrativas contadas na escola sobre sexualidade, notadamente aquelas que construíam um menino como desviante em sala de aula, ao passo que tais narrativas fabricavam a masculinidade hegemônica de outros (veja-se Moita Lopes, 2002). As análises das narrativas, como lugares de construção da vida social em práticas situadas, tentavam dar conta de aspectos micro e macro-discursivos da construção da alteridade. Os excertos 1, 2 e 3 abaixo foram gerados em uma entrevista de grupo focal em contexto de letramento escolar com meninos e meninas de 12-14 anos, em uma escola pública no Rio de Janeiro, com alunos que são de famílias chefiadas por trabalhadores não-especializados e de baixa classe média, incluindo alunos negros e brancos.



### Excerto 1

“Ele é aquele tipo de bicha louca”<sup>3</sup>

5 Hans: Não./ Pra mim,/ é uma coisa da nossa moralidade,/ entendeu?// Pra nós,/ criou

6 um tipo de/ um tipo de/ é/ é um costume/ você chega/ pega mal você chegar em um

7 lugar/tem uma pessoa assim sentada,/ pô,/ o cara bem alinhado,/ cabelinho todo

8 bonitinho/ e não sei o quê,/ e chega: “Ei” [imitando voz efeminada]//

9 Pq: Ah!

10 Hans: Entendeu?/ Chegar e falar pra pessoa:/ [imitando voz efeminada] assim com

11 voz de mulher./ Tu vai pensar o quê?/ O cara/ e esse cara aí deve ter algum

12 problema.//

13 As: Eu também.

14 Hans: Pô,/ isso aí não é normal!//

15 As: Éhhh

16 Hans: Como esse menino da nossa turma aqui./ Ele tem um outro jeito de falar,/

17 entendeu?//

18 As: Jeito de andar.

19 Betina: Ele rebola.

20 Hans: Poxa,/ de algum jeito,/ a gente procurou uma maneira de brincar com ele,/

21 mas,/ poxa!/Depende/ pra mim,/ isso tá errado./ O cara tem 12 anos//

22 Pq: Quantos anos você tem?//

23 Hans: Eu tenho 14,/ mas com a idade dele,/ eu não chegava e ficava com aquela

24 vozinha que ele fica/ e rebolando.//

25 Betina: É o pior de tudo/ é que ele faz fofoca!/ Ele é fofoqueiro!//

26 Hans: Isso! Isso!//

27 Betina: Conta tudo pra todo mundo./ Não pode contar nada,/ nada.//

28 Hans: E ele também não pode ver nada que//

29 Peter: E ele é aquele tipo de bicha-louca.// (risos)

<sup>3</sup> Na transcrição, utilizei as seguintes convenções: / para pausa curta, // para pausa longa, [ ] para comentário do autor, [...] para omissão de texto, ( ) para incluir texto esclarecendo o que está sendo dito ou ocorrendo, [ para falas paralelas, As para fala dos alunos em conjunto e Pq para pesquisador.

As análises tentavam mostrar, por meio do foco em narrativas, como a presente no excerto acima, como as histórias em que circulamos na vida institucional colaboram na construção de um pacote de discursos, por assim dizer, sobre quem podemos ser, destruindo possíveis roteiros de vida, como é o caso do menino cuja história é contada de modo homofóbico aqui a partir da linha 16, e legitimando outros, como no caso de Hans, já que o motivo pelo qual essa narrativa é contada, em colabora-

ção com Betina, é a construção de Hans como uma pessoa que “possui” a sexualidade “correta” e natural. Opera-se no que muitos chamam de uma política da diferença (SARUP, 1996, p. 57), para além de uma política de classe social, que se apoia na compreensão de que nos construímos por meio da construção da alteridade, no caso, a alteridade sexual como diferença. O foco era então colocado no menino cuja sexualidade, entendida como homoerótica pelos colegas, era considerada ilegítima e não-natural.

Mais tarde, com o desenvolvimento da pesquisa, os dados foram re-analisados e as agendas políticas e teóricas se transformaram. O foco foi então colocado na construção daqueles em posições hegemônicas nas assimetrias discursivas, por exemplo, as construções discursivas da masculinidade heterossexual, em particular de um menino branco na escola. Estava interessado em mostrar como traços diferentes de identidades sociais (gênero, sexualidade e raça) co-existem dentro da mesma pessoa, ao passo que chamava atenção para a natureza fragmentada da vida social. Ao contrário de minha pesquisa anterior, que focalizava o que normalmente tem sido considerado alteridade (homossexualidade, negritude e feminilidade), virei o espelho, por assim dizer, para aqueles cuja natureza discursiva tem sido tradicionalmente naturalizada como normal. A posição de hegemonia que homens, heterossexuais e brancos ocupam garante que o outro seja o feminino, o homoerótico e o negro, de tal modo que “[as categorias excluídas] se tornam o Outro contra o qual o Nós é definido” (EPSTEIN; JOHNSON, 1998, p. 20).

Por exemplo, mostrei como um menino específico, o Hans da sequência anterior, consistentemente se posicionava como branco, masculino e heterossexual, ou seja, hegemonicamente, em diferentes posicionamentos interacionais (WORTHAM, 2001). Os mesmos dados previamente apresentados para mostrar como um menino, em particular, era construído de modo destrutivo como homoerótico foram usados para ilustrar como a hegemonia era construída. Passei a seguir agendas teóricas e políticas diferentes. Tratava-se de objetificar o hegemônico ou o centro, e não o que é compreendido como marginal e periférico.

Hans, o mesmo menino que se constrói como heterossexual ao contar a história sobre um garoto, que entende ser homoerótico, narra histórias (excertos 2 e 3 abaixo) em que se posiciona como membro da masculinidade hegemônica e como branco. Hans, portanto, consistentemente ocupa posicionamentos interacionais hegemônicos. Vejamos duas histórias diferentes em que primeiramente Hans se constrói como membro da masculinidade hegemônica e, depois, como branco:

### **Excerto 2**

1 Hans: Meu pai chegava lá,/ minha irmã ficava na rua até tarde,/ aí meu pai falava assim:/  
2 “Sobe que não é hora de mulher ficar na rua.”// Aí eu falava,/ ué,/ isso não é hora de mulher  
3 ficar na rua?// Você não fica falando assim:/ “Pô,/ vai namorar,/ como é que eu vou namorar se  
4 todos os pais falam que isso não é hora de mulher ficar na rua, prendem as filhas?” / Aí meu pai:/  
5 “Prende as suas cabras que o meu bode está solto.” / Porque/ tem que prender a sua mulher  
6 porque o bode do homem está solto./ Se deixar a mulher dando mole (risos),/ vai o bode lá e  
7 *craw* [som de um animal caçando outro]!// (risos)  
8 Peter : É,/ o bode está solto,/ né?//  
9 Hans: Tem que prender as cabras!//  
10 Gail: Minha mãe faz isso comigo./ Minha mãe sempre fala isso.//

### **Excerto 3**

1 Gail: Meu irmão/meu irmão / que mora lá em casa./ele fica falando assim  
2 Quando a gente chega/: “Vá arrumar a cozinha”. // Se a gente não arrumou  
3 direito / aí ele diz/: É,/né” / Já ta fazendo serviço de preto” //  
4 Pq: É./e ele é? E ele é o quê?//  
5 Hans: Creolice! /Creolice!/  
6 Pq: Ele é o quê?//  
7 Hans: Ele é preto também!// (risos) Ele é preto./ Ele tem pele escura/, né?//  
8 Pq: Sei.//  
9 (...)  
10 Hans: Meu pai já levou carros,/ caminhões,/ ele conhece assim esses lugares./  
11 Bahia./ É uma coisa que tem na nossa cultura,/ entendeu?/ E meu pai diz que//  
12 Pq: Agora por que seu pai,/ por que você acha que seu pai,/ apesar de ser  
13 negro, fala:/ “Isso tinha que ser coisa de preto?” //  
14 Hans: Porque ele acha.//

As análises discursivas destas três narrativas anteriores estão publicadas em Moita Lopes (2006a; 2009b) em que ressalto a consistência dos posicionamentos interacionais de masculinidade, heterossexualidade e branquitude. Embora os detalhes de tais análises estejam fora do escopo deste artigo, é interessante chamar atenção para como Hans cita a voz do pai na construção discursiva tanto de sua masculinidade hegemônica como na de sua branquitude, o que ressalta os discursos que ele faz valer

quando os jogos identitários identificados aqui estão em pauta. Devo enfatizar, porém, que não estou dizendo que Hans sempre ocupará os mesmos posicionamentos interacionais em todas as práticas discursivas. O poder atravessa essas práticas narrativas de uma forma específica, construindo Hans consistentemente nos posicionamentos de branco, heterossexual e homem. Em outras práticas discursivas, todavia, outros significados sobre sua identidade social podem ser mobilizados, em cenários e com interlocutores diferentes.

Hans, portanto, poderá desempenhar performances diferentes de masculinidade, podendo construir uma outra história sobre si mesmo. O que mostro aqui é como a estabilidade dos posicionamentos hegemônicos é construída coletivamente nestas práticas narrativas específicas. A implicação desta afirmação é que nos moldamos no passo a passo da interação em relação aos contextos em que atuamos e à luz de quem são os outros a nossa volta e que, portanto, não somos sempre os mesmos: nossas vidas sociais são também cada vez mais contingentes. Isso não quer dizer que, no passado, também não nos moldávamos de uma forma ou de outra em situações específicas, mas é um fato que, tendo em vista a rapidez do tempo e a compressão do espaço, típicos de nossos dias, a vivência de tal contingência se tornou mais facilmente experimentável.

Indicar, porém, como a branquitude, a heterossexualidade e a masculinidade foram construídas consistentemente como raça, sexualidade e gênero ao torná-las visíveis no discurso escolar é um modo de desnaturalizá-las e, portanto, de chamar atenção para outros tipos de posicionamentos interacionais, por meio dos quais podemos construir outras narrativas sobre nossas vidas sociais. Ou seja, Hans de fato pode rever seu posicionamento como pode ser levado a *fazê-lo e criar outras narrativas sobre si mesmo*. A agenda teórica e política era criar visibilidade e, portanto, indiretamente instrumentalizar sociabilidades alternativas (somente indiretamente, ênfase). Da perspectiva que passo a relatar agora, isso era um caminho longo demais para chegar a um lugar muito próximo. Para quem faz pesquisa aplicada, produzir conhecimento que seja responsivo à vida social é um dos desafios principais.

Recentemente, o foco de minha investigação foi deslocado uma vez mais e não chama atenção para a diferença (a agenda da chamada política da diferença), mas para a natureza transitória da vida social como um projeto político inovador para a vida social. Meu interesse não é mais nem na celebração da diferença / da alteridade como um projeto identitário legítimo nem na consistência da natureza discursiva de projetos identitários hegemônicos em práticas sociais específicas, gerados coletivamente, mas é agora colocado no questionamento de qualquer projeto identitário como fixo, ainda que entenda os motivos de

quaisquer naturezas que levam a tal fixidez, como aqueles que motivam as agendas políticas dos movimentos sociais.

A fluidez e ambiguidade identitária torna-se a questão que desejo focalizar como projeto político principal, sendo tal projeto derivado de teorias *queer* (SEDGWICK, 1994; JAGOSE, 1996; SULLIVAN, 2003) como também, na verdade, de minha experiência na vida social como um ser que vive, conta e ouve histórias sobre sexualidade, já que as narrativas de pessoas que têm atravessado a linha imaginária na fronteira hetero-homo têm se tornado cada vez mais claras na prática social.

Em outras palavras, a escolha de abordagem teórica em particular e o foco de pesquisa são orientados pelas práticas sociais. O objetivo da pesquisa então, seguindo teorias *queer*, é questionar qualquer tentativa de aprisionar a vida sexual dentro do binário hetero – homo como destino, já que tal binário não dá conta da natureza fluida da sexualidade e nem das várias dimensões de suas performances. É nesse sentido que é possível dizer que a prática está adiante da teoria.

O que tenho em mente é a possibilidade de imaginar, por meio de pesquisa, novas sociabilidades – ou de fazer pesquisa como um modo de fomentar sociabilidades emergentes em uma LA do Emergente – ao tornar disponíveis projetos identitários *queer* em contextos de letramentos escolares, o que tenho chamado de letramento *queer* (MOITA LOPES, 2006b), ao tornar tais projetos perceptíveis nas práticas sociais.

Esse posicionamento se torna possível se concebermos nosso mundo como um lugar de transgredir narrativas tradicionais para as nossas vidas, normalmente tomadas como roteiros dos quais não se pode escapar: uma concepção que vai ao encontro do objetivo de uma LA indisciplinar, acima referido, que almeja pensar para além dos limites compreendidos como dados. Este é um mundo no qual se tornou crucial compreender que podemos ser outros ou descobrir o que podemos nos tornar ou o que podemos fazer com a liberdade que agora temos, em alguns contextos e em algumas partes do mundo, com o objetivo de nos re-inventarmos. A identidade sexual não é mais concebida como um destino ou como uma carreira sexual prescrita, mas como um projeto que podemos perseguir para concretizar nossas possibilidades de expressar desejo sexual.

O que me parece apresentar ganhos éticos e epistêmicos para a pesquisa é disponibilizar a compreensão da sexualidade e do gênero como performance em contextos de letramentos escolares (assim como em outros), com a finalidade de ensinar a resistir a qualquer tipo de normalização para o gênero e para a sexualidade. Tais teorias argumentam que os gêneros e as sexualidades são performances continuamente repetidas na cultura, que acabam por construir um sentido de substância e essência

para o que é de fato ficção (BUTLER, 1990; 2004). Mostrar a natureza ficcional dos gêneros e das sexualidades pode colaborar na compreensão de que podemos construir outros sentidos sobre quem somos ou podemos ser. Igualmente, são cruciais teorias da linguagem como performance (PENNYCOOK, 2007), que chamam atenção para o que fazemos com a linguagem no aqui e agora, reinventando-a ao passo que inauguramos novos sentidos para a vida social, já que os significados, nessa teorização, são compreendidos como não pré-existindo ao uso da linguagem. Essas teorias são bem diferentes de teorias representacionistas da linguagem, que se baseiam na idéia de que a linguagem representa a vida social. Teorias performativas são fundamentais para nosso projeto, uma vez que ressaltam o que podemos fazer com a linguagem no aqui e agora em nossas performances e, dessa forma, colaborar na reinvenção social.

A abordagem de pesquisa não é mais uma etnografia descritiva do tipo de segurar o espelho para a natureza com o fim de instrumentalizar projetos identitários alternativos indiretamente. Envolve uma etnografia-colaborativa entre professor e pesquisador, com o objetivo de intervir em contextos de letramento para desestabilizar projetos de sexualidade de qualquer tipo ao mostrar sua natureza performativa, e assim fomentar alternativas para a vida social.

Este é um projeto no qual trabalho com Branca Fabrício (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2008). Em tal pesquisa, elaboramos com a professora de uma turma de 5ª. série materiais pedagógicos, usando textos midiáticos que focalizam gêneros e sexualidades, e os implementamos colaborativamente na referida turma, por meio de uma análise discursiva pedagógica, que enfatiza a natureza performativa dos gêneros e das sexualidades. A pesquisadora e a professora trabalham em conjunto, tentando desestabilizar o binário homo-hetero ao passo que, ao mesmo tempo, enfatizam as performances envolvidas em tal binário, ou seja, objetiva-se chamar atenção para sua natureza discursiva como efeitos de significado em performances.

A seguir, apresento uma pequena interação em sala de aula de 5ª série, em que a professora e uma pesquisadora co-ministram uma aula. A sequência ilustra o trabalho interacional em sala de aula, por meio do qual a professora e a pesquisadora tentam envolver os alunos em uma tarefa, cuja solução requer que preencham um quadro sobre Coisas de Heterossexual e de Homossexual, com o propósito de tornar possível a compreensão da natureza performativa das sexualidades. São patentes neste sentido as escolhas contraditórias e vacilantes nas falas dos alunos.

Ao serem convidados a estranhar os padrões homogêneos e cristalizados com os quais operamos sobre o que é ser heterossexual e homossexual, os alunos experimentam uma série

de oscilações sutis sobre os significados claros e nítidos em que está assentado o binômio hetero-homo, que terminam por confundi-los ou embaralhá-los. Tal experiência pode colaborar na compreensão da natureza performativa das sexualidades, e, portanto, de sua contingência.

#### Excerto 4

01	Pq:	Professora,/deixa só eu fazer uma pergunta.// Se a gente
02		voltar nesse quadro aqui / (aponta para o quadro na apostila:
03		coisas de heterossexual), esses todos são homens / (aponta
04		para a imagem dos homens de saias na transparência). Eles se
05		encaixam aqui?// (volta a apontar para o quadro na apostila:
06		coisas de heterossexual) em algum desses dois quadros?//
07	Alunos:	Não!/ [
08		Encaixa!/ ]
09	Pq:	Aonde?//
10	Professora:	Aonde?//
11	Maria:	Aqui no heterossexual.//
12	Pq:	Encaixa no heterossexual?/ Usa saia,/ põe brinquinho,/ usa
13		calcinha//
14	Professora:	[ usa saia, /põe brinco,/ usa calcinha,/ usa/ maquiagem//
15		]
16	Cláudio:	[ Usar saia até tudo bem,/ mas usar calcinha é demais!//

O que estamos tentando fazer é ajudar a re-inventar a vida social, ao responder ao pedido de Butler (2004: 8): “o que é mais importante é parar de legislar para todas as vidas o que é vivível somente para algumas, e, igualmente, evitar a prescrição para todas as vidas do que não é vivível para algumas”. Do mesmo modo, estamos também tentando atender ao pedido de Foucault (1995) quando diz que precisamos pensar sobre o que podemos nos tornar e não simplesmente sobre o que somos. As pessoas, nas escolas e fora delas, como produtoras de significados, podem ser compreendidas como geradoras de significados alternativos ao se envolverem com uma visão performativa da linguagem, das sexualidades e dos gêneros, como também de outros significados na e para a vida social.

#### Em prospectiva

Os ganhos éticos e epistêmicos dessa posição estão inter-relacionados e também dialogam com uma LA do Emergente. Por um lado, tal visão envolve produzir conhecimento de forma inovadora e responsiva à vida social, entendendo que o discurso da pesquisa é também um discurso sobre a vida social e que, como tal, tem a obrigação ética de se preocupar em construir significados que apresentem alternativas para o sofrimento humano. Entender a natureza performativa dos gêneros e das

sexualidades pode significar a possibilidade de reconstrução do que os homens e mulheres são e podem ser. Como disse anteriormente, fazer pesquisa pode ser um modo de re-inventar a vida social e de nos fazer pensar sobre os significados que construímos em nossas práticas e sobre os sofrimentos que acarretam. Além disso, essa compreensão epistemológica vai ao encontro de significados emergentes sobre mulheres e homens e seus desejos em nossa sociedade, que tem cada vez mais se envolvido com a reflexão sobre nossas sociabilidades.

O percurso epistemológico que narrei tentou mostrar como minhas construções teóricas estão informadas pelos movimentos sociais e pelas práticas sociais, por minhas narrativas e a de outros na e sobre a vida sexual, por meu interesse em politizar a vida social com proximidade crítica, por meu comprometimento em pensar novas sociabilidades ou alternativas para a vida social ao passo que faço pesquisa. Com tal objetivo, procurei indicar como minha pesquisa tem mudado de foco: da construção discursiva da diferença para um interesse indireto em pensar alternativas para a vida social e, finalmente, para uma abordagem etnográfico-intervencionista-colaborativa que ensaia o futuro em uma LA do Emergente. Entendo que esse é um arcabouço em que fazer pesquisa é também fazer política.

Esse certamente não é o único modo de fazer LA, mas é uma forma que me parece promissora em relação a ganhos éticos, epistêmicos e políticos. Sou de opinião que talvez essa visão possa mais adequadamente lidar com as verdades contingentes que fazem nossas práticas sociais (epistemológicas e outras) e que conseqüentemente também nos fazem. Penso que essa é uma possibilidade de caminhar em direção ao futuro.

### **Abstract**

By following a view of the so-called epistemological truths as contingent, this article argues for the inescapable necessity of getting simultaneously involved with both research and politics in applied research in the field of language studies. This is necessary to account for the changes which we face in contemporary social life, which has increasingly become equally contingent. This argument is illustrated with my particular research route on issues related to the discursive construction of sexualities in school literacy contexts. The ethical, epistemic and political gains of this position are emphasized.

**Keywords:** *Contingency. Epistemology. Politics. Sexualities. Ethics. School literacies.*



## Referências

- BAUMAN, Z. *Intimations of postmodernity*. Londres: Routledge, 1992.
- BUTLER, J. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova York: Routledge, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Undoing gender*. Nova York: Routledge, 2004.
- EPSTEIN, D.; JOHNSON, R. *Schooling sexualities*. Buckingham: Open University Press, 1998.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de des-aprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2008.
- FABRÍCIO, B. F.; MOITA LOPES, L. P. A dinâmica dos re-posicionamentos de sexualidade em práticas de letramento escolar: entre oscilações e desestabilizações sutis. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Orgs.) *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Trad. e org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In DREYFUSS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. *Modernização Reflexiva*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- HALL, S. Introduction: Who needs 'identity'? In: HALL, S.; DU GAY, P. (Orgs.) *Questions of cultural identity*. Londres: Sage, 1996.
- JAGOSE, A. M. *Queer Theory. An Introduction*. New York: New York University Press, 1996
- KUHN, T. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.
- MACHADO, R. Introdução. Por uma genealogia do poder. In: Foucault, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MOITA LOPES, L. P. *Identidades Fragmentadas*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. "On being white, heterosexual and male in a Brazilian school: multiple positionings in oral narratives". In: DE FINA, A.; SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. *Discourse and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006a.
- \_\_\_\_\_. Queering literacy teaching: analyzing gay-themed discourses in a fifth-grade class in Brazil. *Journal of Language, Identity and Education*, v. 5, n. 1, p. 31-50, 2006b.

- \_\_\_\_\_. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2008.
- \_\_\_\_\_. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. E ROCA, P. (Org.). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009a.
- \_\_\_\_\_. Acerca de ser blanco, heterosexual y masculino en una escuela brasileña: múltiples posturas en narrativas orales. In: CURCÓ, C.; EZCURDIA, M. (Orgs.). *Discurso, identidad y cultura: perspectivas filosóficas y discursivas*. Cidade de México: Editora da Universidade Autónoma do México, 2009b.
- NAGEL, T. *The view from nowhere*. New York: Oxford University Press, 1986.
- PENNYCOOK, A. *Global English and transcultural flows*. Londres: Routledge, 2007.
- \_\_\_\_\_. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2008.
- REGUERA, G. B. Prólogo. Judith Butler: narración autobiográfica y autorreflexión filosófica. In: NAVARRO, P. P. *Del texto al sexo. Judith Butler y la performatividad*. Barcelona: Egales, 2008.
- SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Renovar la teoría crítica y reinventar la emancipación social*. Buenos Aires: Glacso Libros, 2006.
- \_\_\_\_\_. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e de outro. *Travessias*. Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra, nos. 6/7, 2008, p. 15-36.
- SARUP, M. *Identity, culture and the postmodern world*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.
- SEALEY, A; CARTER, B. *Applied linguistics as social science*. Londres: Continuum, 2004.
- SEDGWICK, E, K.. *Epistemology of the closet*. London: Penguin Books, 1994.
- SULLIVAN, N. *A critical introduction to queer theory*. New York: New York University Press, 2003.
- VENN, C. *Occidentalism. Modernity and subjectivity*. London: Sage Publications, 2000.
- WORTHAM, S. *Narratives in action. A strategy for research and analysis*. Nova York: Teachers' College Press, 2001.